

sorriso torto e enfia o resto do polegar na minha boca. Eu chupo, observando seus olhos se fecharem por um momento.

Então, ele bate os quadris para frente contra os meus, seu pau penetrando profundamente, e eu estou sem fôlego, ofegante, todo o ar empurrado dos meus pulmões, meu coração martelando no meu peito.

Ele grunhe alto, seus dentes inferiores à mostra como se estivesse rosnando, e ele começa

a me foder mais forte, o suficiente para que a cama se mova, empurrando para dentro e para fora como se ele

quisesse me empalar. Então, de repente, ele desacelera, se afastando na metade do caminho,

passando a boca por todo o meu corpo, seus dentes me roçando, tirando sangue.

Meu padre é uma contradição enquanto se move. Suas mãos percorrem meu corpo com

desespero; elas agarram meus quadris, meu estômago, meus seios, maldosos e machucados.

Seus dentes são afiados, sua mordida é dura. E ainda assim, de vez em quando, quando ele

olha para cima para encontrar meus olhos, há suavidade ali, algo profundo e selvagem mas terno o suficiente para desfazer os ganchos em volta do meu coração.

Às vezes, o jeito que ele olha para mim, intenso e sem piscar, como se estivesse abrindo um caminho para minha alma, é demais, e eu tenho que desviar o olhar, e agora

não é exceção. A vulnerabilidade é enervante, então eu olho para onde seu pau desaparece dentro de mim, brilhante com meu desejo.

Estamos unidos, conectados, mesmo quando ele está sendo tão áspero que a dor brevemente ofusca o prazer.

"Você gosta do que vê?" ele diz. "Você gosta de como eu adoro em seu altar? Você é minha. Esta boceta, esta bunda, esta boca. Tudo isso é meu, Larimar. Cada centímetro que eu posso penetrar é meu, e se eu pudesse penetrar sua alma, então isso também pertenceria a mim."

Mas ele pode penetrar minha alma.

Eu o sinto ali, afrouxando-o até que não tenha escolha a não ser pertencer a ele.

Ele não está apenas mantendo meu corpo cativo — ele está segurando meu coração. E se ele

me deixar ir, acho que meu coração será o último a sair.

"Olhe para mim", ele diz através de um gemido áspero. "Olhe para mim, peixinho."

Eu encontro seus olhos, e ele os mantém lá com a intensidade pura de seu olhar.

"Diga-me que você é meu."

"Eu sou seu", eu digo, mas as palavras são cruas e sussurradas.

Seus lábios se curvam, e ele empurra com mais força, me punindo. "Diga-me que você é

meu e seja sincero, droga. Diga-me, ou não vou deixar você gozar."

Agora ele está sendo injusto.

"Eu sou seu", eu digo a ele.